

série
Cogitare
volume 11

ISBN 978-85-99527-12-2

ISSN 1981-6987

MANUSCRITOS DE LINGUISTAS E GENÉTICA TEXTUAL.

QUAIS OS DESAFIOS PARA AS
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM?
EXEMPLO ATRAVÉS DOS “PAPIERS” DE
BENVENISTE

Irène Fenoglio



PPGL UFSM

2013

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
Felipe Martins Müller

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Hélio Leães Hey

DIRETOR DO CENTRO DE ARTES E LETRAS
Pedro Brum Santos

COORDENADORA DO PPGLETRAS
Márcia Cristina Corrêa

EDITORA
Programa de Pós-Graduação em Letras

COMITÊ EDITORIAL
Amanda Eloina Scherer
Marcia Cristina Corrêa
André Soares Vieira
Graciela Rabuske Hendges
Larissa Montagner Cervo
Enéias Farias Tavares
Sara Regina Scotta Cabral
Pedro Brum Santos

PROJETO GRÁFICO
Lilian Landvoigt da Rosa

EDITORAÇÃO
Simone de Mello de Oliveira
João Moro de Oliveira

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Simone de Mello de Oliveira

REVISÃO
Viviane Brust
Taís da Silva Martins

TRADUÇÃO
Simone de Mello de Oliveira
Verli Petri
Zélia Maria Viana Paim

Título original: Manuscrits de linguistes et génétique textuelle. Quels enjeux pour les sciences du langage? Exemple des “papiers” Benveniste, de Irène Fenoglio.

Título da tradução: Manuscritos de linguistas e genética textual. Quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo através dos “papiers” de Benveniste, de Irène Fenoglio.

F339m Fenoglio, Irène

Manuscritos de linguistas e genética textual :
quais os desafios para as ciências da linguagem? :
exemplo através dos “papiers” de Benveniste / Irène Fenoglio ;
tradução Simone de Mello de Oliveira, Verli Petri
da Silveira, Zélia Maria Viana Paim. – Santa Maria :
UFSM, PPGL-Editores, 2013.

70 p. : il. ; 19 cm. – (Série Cogitare ; v. 11).

1. Linguística 2. Linguagem 3. Manuscritos
I. Benveniste, Émile II. Oliveira, Simone de Mello
de III Silveira, Verli Petri da IV. Paim, Zélia Maria
Viana V. Título VI. Série

CDU 801
ISSN 1981-6987
ISBN 978-85-99527-31-3

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Eckhardt
Biblioteca Central da UFSM

SUMÁRIO

Prefácio.....	09
Manuscritos de linguistas e genética textual. Quais os desafios para as ciências da linguagem? Exemplo através dos “papiers” Benveniste.....	17
Introdução	19
A história da disciplina.....	19
O material arquivístico disponível.....	22
As questões	24
A metodologia de análise	24
Conclusão	57
Indicações Bibliográficas	61
Política Editorial.....	67
Volumes Publicados.....	68

PREFÁCIO

OS MANUSCRITOS COMO MATERIAL SIMBÓLICO EM UMA POLÍTICA CIENTÍFICA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Era um final de tarde linda de primavera. Dia 7 de junho de 2012. 18 horas mais precisamente. Estábamos, todos, estudantes, curiosos e intelectuais, os mais destacados no mundo contemporâneo das Ciências Humanas da sociedade parisiense, em um prédio histórico que se confunde com a própria história da intelectualidade francesa. Estábamos, todos, na Ecole normale supérieure, no número 45, da Rue d'Ulm, em Paris. Participávamos, todos como ouvintes, da mesa-redonda para o lançamento oficial da publicação: *Dernières Leçons - Collège de France - 1968 e 1969*, de Emile Benveniste, publicação organizada por Irène Fenoglio e Jean Claude Coquet, editada pela Gallimard, Editions du Seuil e Ecole des hautes études en sciences sociales.

Foi um momento ímpar em nossa vida universitária. Ali, no plano do real, vivíamos a maior experiência de respeito ético, de rememoração e comemoração de um ícone da linguística contemporânea, um dos maiores linguistas dos últimos tempos, no mundo ocidental. Na mesa-redonda dedicada ao lançamento da obra estavam: Pierre Nora - além do historiador conhecido de todos nós, foi o editor científico da Gallimard e quem propôs a primeira edição dos textos de Benveniste -; Julia Kristeva e Tzvetan Todorov, seus monitores; Jacqueline Authier-Revuz, sua aluna; e Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, coordenadores da mesa. No entanto,

sentimos a falta de Claudine Normand (ela já não está mais entre nós), uma das grandes linguistas francesas contemporâneas e que teve uma participação especial no trabalho de reedição dos manuscritos.

A mesa-redonda foi grandiosa nas suas saudações e lembranças. Todos, muito emocionados, falavam do mestre com um respeito que só os grandes têm dos grandes. Todos, com uma voz embargada, falavam do mestre naquilo que se tem de mais puro e mais humano. Todos contavam detalhes de suas vivências e de suas histórias com aquele que, 36 anos após a sua morte, ainda é considerado um dos mais humildes estudiosos da língua/gem nos últimos tempos. Todos, sem precedentes, na nossa história universitária, falavam do homem e do pesquisador. Os relatos aconteceram ora separando a pessoa do sujeito pesquisador, ora o sujeito pesquisador da pessoa, ora enlaçando os dois para que tivéssemos a dimensão histórica e simbólica de uma vida dedicada à reflexão dos fenômenos linguageiros e à produção do conhecimento sobre a linguagem.

Os depoimentos foram unânimes: Emile Benveniste lutou sem cessar para nos mostrar o quanto a língua/gem tem relação com o homem falando a outro homem e que sua instância subjetiva é o grau maior nas nossas relações. Leitor de Hegel, ele procurava totalizar o saber pela e sobre a língua edificando um imponente edifício cuja beleza de sua construção ainda hoje podemos adentrar sem, no entanto, tudo descobrirmos de sua estrutura. Todos os depoimentos foram unânimes, também, quanto ao intelectual erudito que ele foi: conhecedor das línguas em sua plenitude concreta, da gramática comparada no seu absoluto, leitor voraz dos grandes clássicos. Um linguista cada vez mais raro nos dias de hoje. Todos eram unânimes também em afirmar que, na simplicidade e clareza, sua concisão sábia nos conduz, até hoje, a nos perguntar: o que é dizer eu? O que é dizer eu me engajando nesta posição de sujeito da e na língua?

Todos estavam submersos às histórias contadas, relatadas, desabrochadas, rememoradas naquele instante mesmo em um acontecimento único para os que ali se

encontravam. Um acontecimento único neste mundo universitário de tanta energia gasta em prol de números e de publicações, muitas delas sem leitor. Um acontecimento marcado, sobretudo, pela ética e pelo respeito ao outro, ao mestre, mas, sobretudo, à história disciplinar. E tudo graças ao trabalho incessante dos pesquisadores do Instituto de Textos e Manuscritos Modernos (ITEM – CNRS – Paris) que, no afã inicial de procurar uma possível genética do texto em manuscritos de escritores na contemporaneidade, acabaram realizando, também, a proeza de adentrar no mundo dos cientistas da linguagem através de seus manuscritos.

De fato, a memória de um determinado grupo social constitui-se de lembranças e de esquecimentos, já a história constitui-se de documentos oficiais mais ou menos conhecidos. Nos meandros do que rege o que é próprio à memória e o que é próprio à história, deparamo-nos com materialidades que dizem da vida de sujeitos: com obras autorizadas e não-autorizadas, com textos publicados e não-publicados. É por esses meandros da memória e da história que espiam os sujeitos, que, como nós, trabalham com a História das Ideias Linguísticas, trabalham-na como campo de conhecimento, revelando, entre outros eixos de interesse, a fundação de uma ciência linguística e tudo o que veio antes e depois, sem julgar o que é melhor e o que é pior, buscando compreender como se dá esse processo tão complexo que é o “fazer do linguista”.

É na esteira dessa busca que nos deparamos com o corajoso trabalho de Irène Fenoglio, uma pesquisadora que descortina diante de nossos olhos os manuscritos, como por exemplo, os de Emile Benveniste. O trabalho cuidadoso e minucioso de Irène Fenoglio é muito especial, pois dá conta de duas tarefas dificílimas: a primeira, reunir manuscritos que estavam dispersos em notas e rascunhos em um espaço nada óbvio no interior da BnF (Bibliothèque nationale de France); a segunda, tratar desses manuscritos com a ética e o respeito que eles merecem, já que ficaram silenciosamente guardados por décadas. Ela os estuda cuidadosamente, sem a preocupação de estar/não estar priorita-

riamente filiada à Teoria da Enunciação, à Crítica Genética ou à Análise de Discurso, pois seu comprometimento se dá com o “fazer científico”, com a recuperação de um trajeto teórico da maior importância para os estudos da linguagem em pleno século XXI. Como diz a autora, “o manuscrito arquiva o gesto psíquico da escritura”. De fato, Irène Fenoglio nos mostra, pela análise dos manuscritos, como Benveniste construía as noções teóricas e analíticas que estão presentes em *Problemas de Linguística Geral I e II*. A ela interessa o processo, o como se deu a edificação de conceitos-chave da ciência linguística contemporânea.

Não é tarefa fácil, como muito bem nos relata Irène Fenoglio em sua conferência aqui traduzida. Em primeiro lugar, por mais que uma cultura do patrimônio já tenha uma política instaurada há séculos nos países europeus, seu arquivo demanda que conheçamos os meandros de sua organização. Depois, não é tarefa fácil adentrar em rascunhos com os seus rabiscos, rasuras, comentários em notas, desenhos e, sobretudo, por ser a produção de um mestre reconhecido por todos nós. Ainda mais em uma sociedade que está acostumada a ler apenas a sua última versão, acostumados que estamos com o texto “pronto”, aquele texto limpo, ‘higienizado’ pelas editoras em geral quando de sua publicação. E por último, o trabalho minucioso que teremos para organizar nossos critérios de leitura e de compreensão do texto do outro, respeitando e valorizando o seu processo. O que Irène Fenoglio nos faz ver, através de suas pesquisas, é o quanto é interessante conhecer os caminhos empreendidos pelos próprios teóricos no ir e vir de suas contínuas interrogações no ato de produzir conhecimento.

Neste texto que estamos apresentando, aqui, encontramos uma pesquisadora encantada com o que descobre, apaixonada pelo que faz e, a partir de sua compreensão, entusiasmada esmiuçando a explicitação do processo de construção da teoria benvenistiana, o que pode ser evidenciado, como por exemplo, pela identificação das diferentes aparições da noção de “aparelho formal da enunciação”, que se dá finalmente em 1970 (em artigo conhecido de todos nós),

mas que já está em notas que datam de 1959 e 1965.

As descobertas de Irène Fenoglio nos levam a entender melhor essa noção, mas nos levam, acima de tudo, à compreensão do processo de produção de sentido empreendido por Emile Benveniste quando de seu processo de produção do conhecimento, etapa fundamental daquele que pensa, que dialoga com o que está refletindo, produzindo. Vemos aí o quanto este processo é instigante e tem muito a nos ensinar enquanto pesquisadores que somos.

Podemos afirmar, finalmente, que nossas pesquisas se identificam com o trabalho empreendido por Irène Fenoglio, o que tem se dado sob diferentes aspectos, e cabe, aqui, enumerar pelo menos três deles: o primeiro, compreendendo o Fundo Emile Benveniste como um “fundo polinizador”, pois ele nos inspira a seguir a trajetória que estamos construindo nos últimos tempos na luta por uma política de valorização de fundos documentais em nossa universidade, tal como temos feito com o da linguista brasileira Neusa Carson; o segundo, por entender que o estudo de manuscritos e de outros documentos desse tipo podem nos revelar nuances do processo de escritura científica do sujeito da ciência e assim entendermos que ele não se dá facilmente e de forma linear, mas em um vai e vem entre a elaboração do conceito e sua potencialização em um texto final; e, por último, que tal trabalho só pode ser feito se estabelecemos relações de cooperação científica com grupos de pesquisadores já estabelecidos e com larga experiência em centros de excelência, pois acreditamos que o fazer acadêmico e científico se faz pela troca, pela discussão em grupo, pela mobilidade da comunidade envolvida com base em laços acadêmicos pré-estabelecidos, como foi o caso ao recebermos a Prof. Irène Fenoglio no Laboratório Corpus para uma reunião de trabalho e uma conferência. É com sua visita que passamos a desenvolver atividades conjuntas, as quais estão proporcionando, inicialmente, que doutorandos nossos realizem estágios de formação em seu instituto de pesquisa e que, em futuro bem próximo, possamos pôr em prática uma cultura de pesquisa, ainda pouco incentivada

em nosso meio universitário, a partir de publicações conjuntas e seminários de pesquisa.

Enfim, caro leitor, ao ler a conferência que traduzimos com nossa equipe de trabalho e que estamos apresentando aqui, você poderá seguir por um caminho seguro, pleno em descobertas, pelo qual Irène Fenoglio nos conduz pela mão, levando sempre em conta que o próprio Benveniste, ao retomar Saussure, nos fala sobre o “estrano destino esse das ideias, e como parecem às vezes viver pela sua própria vida, revelando ou desmentindo ou recriando a figura de seu criador” (*PLG I*, p. 48).

Boa leitura,

Verli Petri e
Amanda Scherer.

MANUSCRITOS DE LINGUISTAS E GENÉTICA TEXTUAL

**QUAIS OS DESAFIOS PARA AS
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM?
EXEMPLO ATRAVÉS DOS “PAPIERS”
DE BENVENISTE¹**

¹ Este texto corresponde à tradução da conferência com mesmo título que Iréne Fenoglio proferiu em 12 de novembro de 2012, no Laboratório Corpus/PPGL – UFSM.

Introdução

Após uma introdução geral visando a explicitar o que sustenta e os objetivos da genética textual interessada pela linguística, apresentarei os materiais, as questões e a metodologia da disciplina, e nossa contribuição progredirá em três perspectivas:

- a abordagem do *processo de escritura* em si (diferentes observáveis, constituição de dossiês genéticos, reconstrução dos hábitos autorais);
- a gênese da escritura de invenção em geral (gênese do discurso linguístico, traços específicos da escritura linguística, tipologia de traços estilísticos autorais);
- a gênese de noções e conceitos linguísticos no interior de um corpus particular. Diversos dossiês manuscritos de Emile Benveniste deverão nos permitir propor a gênese de um conceito no interior de um escrito (a noção de “experiência humana”), a gênese de uma noção no interior de uma obra (a noção de “aparelho formal”), a gênese cultural de conceitos pela transmissão e recepção (a noção de “enunciação”).

A história da disciplina

A crítica genética que fundou a metodologia de análise genética constituiu-se levando em consideração manuscritos ditos “modernos”.

A genética dos textos teve lugar no campo da crítica literária nos anos 70. Mais exatamente foi em 1968 que o estudo dos manuscritos foi reconhecido sob a forma da criação de uma equipe do CNRS² (fundada e dirigida por Louis Hay), encarregada de inventariar e classificar os manuscritos de Heine adquiridos dois anos antes pela Bibliothèque nationale. Louis Hay descreveu este início: “o fundo Heine

² NT: Centre National de Recherche Scientifique.

será o primeiro grande conjunto de manuscritos modernos a ser estudado por uma equipe de pesquisadores formada expressamente para este fim. [...]. Como desbravar a massa de manuscritos com a ajuda de instrumentos contemporâneos de pesquisa? Como atravessá-la para ter acesso a uma melhor inteligibilidade do processo criativo? Como enriquecer a crítica das obras pelo reconhecimento do seu devir?".

A equipe se expande pouco a pouco em outros fundos e após ser nomeada como Centre d'Histoire et d'Analyse des Manuscrits Modernes (CAM), torna-se, em 1982, um laboratório: o Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM).

A estruturação em equipes do CNRS permitirá que se elabore uma teoria da crítica genética, no entanto, sua prática e sua "invenção" precederão sua designação pública. De fato, se, em 1972, Jean Bellemin-Noël publica *Le texte et l'avant-texte*³, obra que apresenta um dos conceitos-chave da genética, foi só em 1979 que esta ciência humana se nomeia verdadeiramente, com a publicação de *Essais de critique génétique*, obra coletiva coordenada por Louis Hay. Quais são os parâmetros que permitem a esta nova ciência dos textos explicitar-se?

O objeto de trabalho é o manuscrito. Até Gutenberg, todo escrito é *liber manu scriptum*. A palavra "manuscrito" só entrou no dicionário no século XVII, ela está ali em concorrência com o substantivo "autógrafo", neologismo que substitui *quirógrafo*. "Se o derivado latino visa o modo de inscrição do texto", diz Louis Hay, "o grego designa a pessoa do autor, e o léxico reúne assim a visão dividida que os homens sempre tiveram do objeto manuscrito: testemunho do texto para os filólogos, relíquia do artista para os colecionadores. Esta dupla realidade do manuscrito, *documento* e *monumento*, marca toda a história cultural de sua transmissão. Será preciso, por outro lado, esperar até o final do século XIX para que os dois pontos de vista se encontrem em um sintagma comum, o *manuscrito autógrafo* [...]. A partir daí,

³ NT: Optou-se por deixar os títulos de obras na língua de origem quando não se tinha certeza de sua tradução e publicação em língua portuguesa.

se inicia uma evolução que culmina na retomada da atenção de testemunhos do texto sobre aqueles de sua gênese”⁴. Várias expressões são então usadas para designar o material do pesquisador geneticista: “manuscritos modernos” para recolocar este material na história dos documentos e de sua conservação, “papiers” para o conjunto de um fundo que compreenderá manuscritos de trabalho, as provas, a correspondência, as notas de todos os tipos, “rascunhos” para os manuscritos de trabalho suficientemente elaborados para poder serem usados em conjunto com um texto final. O manuscrito “moderno” é então o que permanece de visível e de consultável do trabalho privado de um autor para construir um texto *publicado*. O manuscrito se coloca em face de um livro ou publicação transmitida e transmissível.

Por esta consideração dos *rascunhos*, a crítica genética se distingue e se distancia da filologia, com a qual ela mantém, no entanto, laços tanto históricos quanto metodológicos. A filologia tem por objeto o texto final e procura estabelecer sua “verdade” em face de sua história e de suas diversas *variantes*; sua meta é estabelecer uma edição do melhor texto. A genética dos textos visa, por sua vez, a elucidar o trabalho da escritura e a interpretar seu processo. Claro, isso passa por uma análise das versões sucessivas em seus diferentes estados, mas nenhuma hierarquia obedece a um juízo de valor: tudo é levado em conta.

Inicialmente, a disciplina genética fundou-se baseada em manuscritos de escritores. Hoje, é importante sublinhar que o material a ser analisado se diversifica em função dos gêneros e tipos de textos objetivados pelos manuscritos que os levam à maturidade: literário, científico, ciências humanas, direito, etc.

⁴ “L’écriture vive”, préface à *Les manuscrits d’écrivains*, Hachette, CNRS éditions, 1993, p. 10-11.

O Material Arquivístico Disponível

É claro, várias perguntas surgem imediatamente: O quê? Onde? Como ter acesso? Há para isso todas as configurações possíveis. No caso de Benveniste, por exemplo, eu queria desde muito tempo trabalhar em seus manuscritos e eu não conseguia encontrá-los, enquanto eles me esperavam sabiamente na BnF⁵, mas... no departamento de “manuscritos orientais” (manuscritos chineses, árabes, japoneses...), e eu os procurava estupidamente no “departamento de manuscritos”, depois, é claro, de tê-los buscado por muito tempo no Collège de France, na Gallimard... etc.

Outra questão muito importante se coloca: sobre/em um manuscrito há dois materiais diferentes: a imagem do manuscrito e o que ele traz. Como disse Carlo Ginzburg, “o texto não se identifica ao seu suporte”⁶, assim teremos:

- o suporte manuscrito ou datilografado;
- o discursivo disperso e fragmentário constitutivo do discurso a vir, dito de outro modo, há o legível e o visível. Vê-se bem que para o geneticista-linguista a questão que se coloca é maior, especialmente porque é o discurso fragmentário e disperso, constituindo o discurso do texto final, que será o objeto de sua observação. Mas esses fragmentos só são ordenáveis se observarmos a imagem do manuscrito, ou seja, todos os vestígios, incluindo a mudança de papel, incluindo mudanças de cor da caneta, incluindo desenhos, como o do fólio seguinte⁷:

⁵ NT: Bibliothèque nationale de France.

⁶ Mythes, emblèmes, traces, éd. Verdier , 2010, p. 253 [NT: Ginzburg, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989].

⁷ Benveniste fez esse desenho em seu curso no Colégio de France (Curso 15) em 24 de março de 1969.

voix → oreille

178

166

voix₁ → main₁ → œil₂ → voix₂ → oreille₁



I

voix₁ → oreille² = comprendre

remplace la main₁ → œil² = lire

mais ce lire¹ est le lire² des yeux
(un patrimoine)

É preciso descriptografar e colocar eventualmente em relação com o texto, e, certamente, este é o caso aqui: encontramos em outra folha a seguinte nota:

A escritura é a fala convertida pela mão em signos falantes. A mão e a fala se sustentam na invenção da escritura. A mão prolonga a fala.

O sistema primário voz (a boca)-ouvido é *relegado* pelo sistema secundário mão (a inscrição)-olho. A mão tem o papel de emissor traçando as letras e o olho torna-se receptor coletando os traços escritos. Entre a boca e o ouvido, a ligação é a *fonia* emitida-entendida; entre a mão (a inscrição) e o olho, a ligação é a *grafia* traçada-lida.

As questões

Diante do material podemos começar a trabalhar, isto é: enunciar e seriar as questões possíveis → fazer a **escolha das questões** científicas que decidimos colocar → a partir dessas questões estabelecer um **projeto** → a partir desse projeto estabelecer um **programa de trabalho**.

Se eu insisto muito neste caminho que pode parecer, sem dúvida evidente, é que, frente aos arquivos e manuscritos, nós estamos diante de situações para as quais nós não estamos necessariamente preparados; por exemplo, um conjunto de manuscritos valiosos, mas em muito mau estado, ou ilegível (Meillet no IMEC⁸), um inédito que desestabiliza o saber sobre um discurso particular bem conhecido, a falta de uma peça do quebra-cabeça que não permite inferir suficientemente sobre a gênese de um texto... etc.

Se assim for, frente a este material podemos estar sob o âmbito benéfico de uma descoberta, um achado, estamos também sujeitos às condições específicas da materialidade dos arquivos, de sua acessibilidade, de sua legibilidade.

A metodologia de análise

A genética textual tem o seu próprio método de análise com algumas regras e parâmetros que se encontram em toda a análise deste tipo, qualquer que seja o gênero e o tipo de texto: a constituição de um “dossiê genético”, ou seja, inventário e classificação cronológica das peças, análise das modificações de uma versão para outra.

Dependendo do caso e da orientação disciplinar do geneticista, a ênfase será colocada sobre as transformações referentes ao conteúdo do texto e à sua forma (abordagem literária), ou mais exaustivamente sobre as formas linguísticas de reformulações (abordagem linguística), fazendo aparecer no seu papel, para a recomposição infinita do texto, as

⁸ NT: Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine.

quatro operações às quais se reduzem toda a modificação: acréscimo, supressão, substituição, deslocamento.

Veremos, para o geneticista linguista que se propõe examinar um manuscrito de linguista, que esta última abordagem reveste o caráter de uma dupla dimensão-meta:

- olhar linguístico sobre as marcas do processo de escritura = recomposição enunciativa;

- olhar do linguista sobre a elaboração do discurso linguístico e a formulação em ato de conceitos onde aí se conjugam, de alguma forma, genética textual, análise lingüístico-enunciativa e análise de discurso.

Para retomar a expressão de Carlo Ginzburg, parece necessário dispor de uma abordagem “combinando o telescópio e o microscópio”⁹. É assim que eu concebo o método de investigação genética: um olhar ao mesmo tempo telescópico e microscópico de modo que se possa conjugar curiosidade casual, digamos “benevolente” no sentido dos psicanalistas, e curiosidade orientada, quer dizer, informada e de uma certa maneira pré-formal, distanciando uma estratégia consciente e rígida, mas informada do conjunto de uma obra. Assim, no interior deste amplo espectro de luz, um ou mais objetos específicos podem ser identificados convocando uma análise formal e codificada. Isso obviamente não é facilitar a tarefa.

Em relação à focalização enunciativa, as marcas multiformes do processo de elaboração textual, que encontramos em um manuscrito, constituem uma via para compreender como funciona, quando do gesto psíquico de escritura, a colocação em funcionamento do sistema da língua. Em outras palavras, o que interessa a um linguista geneticista é ver isso um pouco mais claro no modo pelo qual se elabora a enunciação escrita em um processo de textualização.

Cada correção recomeça o texto e recomeça sua estrutura, e, a cada estado de uma versão, é preciso desestruturar e reconstruir para entender o que está acontecendo.

⁹ *Mythes, emblèmes, traces, op. cit., p.14*

I. Abordagem fenomenológica do processo de escritura: os sinais

Eu emprego “fenomenológica” de propósito para, de alguma forma, mostrar os limites da empreitada. Este termo caracteriza uma abordagem que busca a compreensão de um fenômeno pelo exame de suas manifestações acessíveis à percepção. Observando os manuscritos nós temos acesso tão somente aos sinais deixados sobre o suporte. Podemos inferir sobre isso alguns fenômenos, mas não conhecemos tudo sobre a escritura em ato, nem daquele que está escrevendo. Os sinais não são senão testemunhos. Refiro-me aqui aos belos textos de Carlo Ginzburg que foram reeditados em dois volumes pelas Edições Verdier: *Le fil et les traces. Vrai faux fictif* (2006) e *Mythes, emblèmes, traces* (2010)¹⁰. No entanto, eles são irreversíveis e irrevogáveis. O fato de que eles são irrevogáveis os torna mais fáceis de tratar, mas o fato de que eles sejam irreversíveis torna mais difícil de tratar a textualização: pode-se imaginar que rasurar, por exemplo, torna reversível o ato de ter enunciado essa palavra, essa frase, esse fragmento; mas, bem ao contrário, a rasura mostra ainda mais e complexifica a recomposição enunciativa.

I.1. Escolha de corpus

Escolher um corpus de trabalho, em geral, não é uma tarefa fácil, trata-se de uma etapa onde o desafio científico, dito de outro modo, a questão posta no início, deve estar adequada a um conjunto de componentes e de limites que

¹⁰ NT: Edições em português:

Ginzburg, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

não dependem ou pouco dependem do pesquisador: material disponível, métodos de investigação, trabalhos anteriores, etc.

Coloca-se a questão do **estatuto dos arquivos** disponíveis: eles poderão se tornar rascunhos de algum texto? Assim é o problema que se coloca com os manuscritos sobre a linguagem poética de Benveniste que estão sem texto (projeto de arte ou de ensaio¹¹?)

As questões científicas podem ser múltiplas. Para o único fundo Benveniste, eu me coloquei várias questões, e, a cada questão, o corpus teve que ser adaptado:

- quando eu quis examinar a gênese de um artigo específico, eu escolhi “O aparelho formal da enunciação”, texto fundador e registro completo;

- quando eu quis estudar o papel das notas em relação ao rascunho, eu tive que trabalhar em vários dossiês correspondentes a diferentes artigos;

- quando eu me perguntei sobre a “conceitualização linguística e os traços linguísticos que o processo de escrita teórica compromete, um único dossiê rico (“a linguagem e a experiência humana”) foi o suficiente no início, mas eu sei que não é o suficiente para ser conclusivo e que o corpus deve ser ampliado.

Resta, no entanto, uma questão geral e que eu tento resolver passo a passo, através de todas as análises que empreendo e que eu empreenderia de bom grado sobre outros autores além de Benveniste, que é a seguinte: será que observar a maneira com que um cientista, neste caso um linguista, vai formulando sua teoria – bem como os conceitos que a fundamentam – permite compreender o processo de escritura linguística? Dito de outra forma, será que a reunião dos vestígios de textualização do discurso científico e sua análise – ela própria linguística – pode permitir compreender a maneira como um discurso linguístico se constrói e a de exumar os traços distintivos e constitutivos? E vemos que a minha pergunta é linguística: eu uso a metodologia ge-

¹¹ Cf. o folio onde é mencionado “ensaio”.

nética, eu solicito informações históricas ou até sociológicas para compreender o linguístico.

Algumas palavras sobre o fundo Benveniste sobre o qual se apóia minha reflexão. Antes de 2005 nenhuma abordagem genética tinha ainda se interessado em fundos de linguistas. Em exceção, evidentemente, os numerosos trabalhos concernentes aos manuscritos de Saussure, mas é claro que esses têm, na sua maioria (não todos), por finalidade, a edição de texto. Da mesma forma, são explorados os manuscritos de Guillaume, mas o objetivo é exclusivamente editorial, portanto, para o estabelecimento de um texto final.

Os linguistas geneticistas não estavam interessados até então na gênese enunciativa em geral, utilizando unicamente corpora de rascunhos de escritores. O campo constituído pelo discurso teórico linguístico permanecia ele mesmo livre de toda abordagem.

Esta abordagem é nos dias de hoje efetiva, ela é sustentada pela equipe “Genética e teorias linguísticas” do ITEM da qual participam geneticistas, historiadores da linguística e linguistas interessados em compreender a fabricação de um discurso teórico e a elaboração de noções e conceitos.

O Fundo Benveniste é um fundo prototípico. Emile Benveniste, nascido em 27 de maio de 1902, em Alepo, na Síria e morto em 3 de outubro de 1976, em Versalhes, após um AVC em dezembro de 1969, lega a título particular seus *papiers* manuscritos à Bibliothèque nationale de France, que será responsável pela catalogação. O fundo é muito rico e vai de notas tomadas por Benveniste, estudante, nas aulas de Meillet, por exemplo, até as últimas notas de preparação de cursos no Collège de France, ministrados pelo linguista.

I.2. Constituição de dossiês = reconstituição de um processo e de uma cronologia de escritura (dimensão macro)

É claro que, se pensarmos que esta experiência deve

ser realizada, é preciso encontrar o corpus adequado, ou seja, um “manuscrito” no sentido mais amplo, um *avant-texte*, na acepção geneticista do termo, qualquer que seja sua “forma”. O que é um *avant-texte*? É um espaço materializado de trabalho, um conjunto de suportes de vestígios de elaboração de um texto determinado que será dito “final”.

Jean Bellemin-Noël é o primeiro a ter definido essa noção, em duas etapas. Na primeira, ele a define como “o conjunto constituído por rascunhos, manuscritos, provas, ‘variantes’, vistos sobre o ângulo do que precede materialmente uma obra quando esta é tratada como um texto, e que pode formar um todo com ele”¹². Em uma segunda etapa, ele incluirá, na compreensão dessa noção, o trabalho crítico do pesquisador que, de um conjunto empírico de documentos, constitui um dossiê de elementos significativos e ordenados. O *avant-texte* torna-se “algo construído [...] que não existe em nenhuma parte fora do discurso crítico que o produz”¹³. O conjunto informal de documentos cuja especificidade é essencialmente temporal assume um *status científico*: a hipótese de uma ordem genética é proposta e vai sustentar uma interpretação do processo de escritura do texto. O que é uma “ordem genética”? Trata-se do ordenamento cronológico dos vestígios de diferentes estados de escritura desde o “primeiro rascunho” até o texto final.

O dossiê genético é a reunião - se não real, pelo menos virtual - de tudo o que pode ser atestado para a constituição de um *avant-texte*, o que inclui os manuscritos correspondentes à obra estudada, mas também, às vezes, a correspondência ou ainda todo saber atestado, acompanhado de documentos ou não, concernentes à gênese da obra: notas de todos os tipos, os planos, os traços de planejamento organizacional ou temporal.

O *avant-texte* provém de uma operação de ordena-

¹² *Le texte et l'avant-texte*, 1972, p.15.

¹³ “Reproduire le manuscrit, présenter les brouillons, établir un avant-texte” in *Littérature* 28, 1977, p. 8 [NT : “Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer um *avant-texte*”, in *Littérature*, 28, 1977, p.8]

mento crítico, cujos elementos são visíveis. Ele comporta o conjunto de documentos classificados e elucidados. Os manuscritos são transcritos e colocados em ordem cronológica, e todos os outros saberes ou documentos são colocados dentro de um conjunto interpretável. Dito de outro modo, o dossiê de gênese é a matéria prima em sua diversidade bruta, o *avant-texte*, uma produção elaborada. A primeira etapa é a de assumir a reconstituição de um percurso cronológico dos documentos que compõem o *avant-texte* (“genética textual”), a segunda é a de proporcionar uma representação do processo de textualização, a fim de poder interpretar o processo de criação da obra (o que entrará na “crítica genética”).

Usar este tipo de trabalho sobre os manuscritos de linguistas - corpora incomuns - é inteiramente novo em genética do texto. Eu me apoio, atualmente, em um único autor, sob minha responsabilidade e de outros pesquisadores interessados em continuar o estudo sobre a base comparativa de um corpus multiautor. O fundo Benveniste da BnF, que hoje é quase o único, depois do de Saussure, a ser explorado por alguns linguistas, é de uma grande relevância para a questão posta.

Na verdade, estamos diante de pelo menos três tipos de escritura científica: a escritura de artigo, a escritura de comunicação científica para Congressos, a escritura própria à preparação de cursos (ou seja, cursos no EPHE¹⁴ e no Collège de France), sem contar os cadernos de trabalho e de observação para a descrição de línguas, desde as mais raras até as mais conhecidas, além da correspondência.

I.3. Reconstituição do hábito de escritura e papel das diferentes etapas de elaboração

Um estudo dos próprios arquivos permitiu identificar os documentos presentes relativos aos artigos publicados

¹⁴ NT: École pratique des hautes études.

nos PLG¹⁵. Eu não tenho tempo, aqui, para mostrar o quadro que emerge, mas este trabalho preliminar foi muito importante. Muito mais do que uma simples identificação, ele permitiu estabelecer os hábitos de trabalho do linguista, tanto para a escritura de um artigo quanto para a elaboração de um curso.

Na verdade, a reiteração de uma mesma sequência de elementos manuscritos e de documentos para a preparação de comunicações ou de artigos permite imaginar a maneira pela qual Benveniste escrevia. Nós pudemos notar, em particular, que Benveniste não ficava sem tomar “notas”, muitas, em diversos suportes, às vezes repetitivas, ou, como eu pude mostrar (2009a), *ruminativas*. Sua observação é essencial para a compreensão da elaboração de sua escritura e permite a análise da passagem das notas ao rascunho, que é um momento essencial para a textualização teórica.

Assim, para a escritura de um artigo, nós conseguimos, a cada vez, reunir dispersos em diferentes caixas ou pastas de arquivos, os mesmos elementos: notas manuscritas¹⁶, depois um rascunho manuscrito, por vezes seguido de uma atualização manuscrita, “passada a limpo”, com instruções de *layouts*, muitas vezes uma datilografia com uma cópia dupla de carbono, às vezes, um ou mais conjuntos de provas.

¹⁵ NT: Problemas de Linguística Geral.

¹⁶ Eu designo por « nota » as notas de trabalho, dito de outro modo, toda formulação inscrita por Emile Benveniste e entrando, de uma maneira ou de outra, no processo de escritura do artigo. Não se trata de tomadas de notas exógenas, mas de notas endógenas, tomadas, ou retomadas, no movimento de trabalho que constitui a escritura científica. Essas notas de trabalho se apresentam sobre todo tipo de forma: nota de uma referência, reflexão abreviada, fragmento bastante redigido sobre qualquer tipo de suporte: verso de carta, verso de convite, pequenas folhas de blocos, folhas avulsas, etc. Elas se mantêm às vezes sobre uma única página, às vezes sobre várias que se seguem.

Funções de notas e de rascunhos

Nós pudemos atualizar o papel das notas iniciais muito importantes em Benveniste. Eu vou fazer um percurso muito rápido e remeter ao artigo que explora esta pista.

a) A nota como suporte de interrogação metodológica do linguista

Uma nota encontrada nos *papiers* de Benveniste relativos ao artigo “O Aparelho Formal da Enunciação”¹⁷ é típica da interrogação que o linguista se faz na origem de seu trabalho: fº 501

¹⁷ Os *papiers* relativos a este artigo se distribuem em quatro envelopes. O dossiê genético tal como pude reconstituir a partir da BnF se apresenta da seguinte maneira:

- 1) 3 cartas de Tzvetan Todorov a E. Benveniste (PAP OR caixa 53, Env 223, fº 134 a 139): solicitação, orientações e reflexões sobre a origem da escritura do artigo.
- 2) Notas (PAP OR Caixa 51, Env. 198, fº 478 a 521 + fº 526).
- 3) Rascunho (PAP OR caixa 51, Env. 198 (fº 452 a 477 + 596 a 500)).
- 4) Datilografia relida (PAP OR caixa 53, Env 222, fº 107 a 121).
- 5) Jogo incompleto de provas (PAP OR caixa 53, Env. 223, fº 123 a 133).

Le langage a été exclu-
 sivement étudié hors contexte
 Mais qu'en fait à
 l'énorme profusion
 d'enunciations en
situation dans
 l'emploi du langage.
 Comment décrire celle?
 Comment faire

“A linguagem foi exclusivamente
 estudada fora de contexto. Mas
 quando se pensa na enorme pro-
 fusão de enunciação em situação
 no emprego da linguagem. Como
 descrever isso? Como fazer”

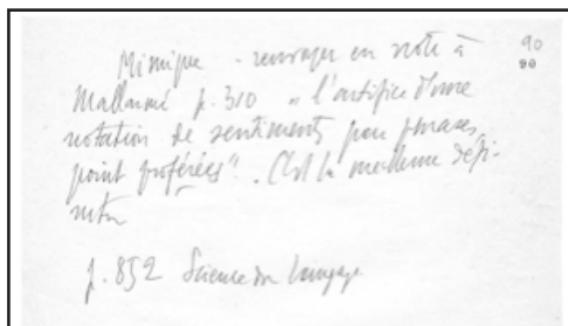
Parece que neste caso a nota desempenha o papel de uma busca da problemática. Aqui a gente vê bem que a ênfase é posta sobre a dificuldade do “descrever,” função maior da escritura linguística. E particularmente em Benveniste, onde sabemos que a reflexão teórica se apoia sobre um conhecimento preciso de numerosas e diferentes línguas e de uma rigorosa descrição dos seus funcionamentos.

Em “O Aparelho Formal da Enunciação”, ele abre uma questão teórica nova, sobre a qual nós esperamos e temos verdadeiramente a impressão de que o tom lírico exprime uma angústia face ao trabalho a que ele se propõe. Trata-se, nesta nota, de uma questão que ele faz a si mesmo, uma entrada em matéria inquieta e perplexa. Esta interrogação não se encontrará no rascunho, *a fortiori* no texto do artigo.

Trata-se de uma tomada de consciência pessoal do trabalho a cumprir: a identidade enunciativa daquele que escreve a nota não tem o mesmo estatuto que aquela do linguista que assumirá o risco de explicitar o desafio escrevendo o artigo.

b) A nota como suporte de memória

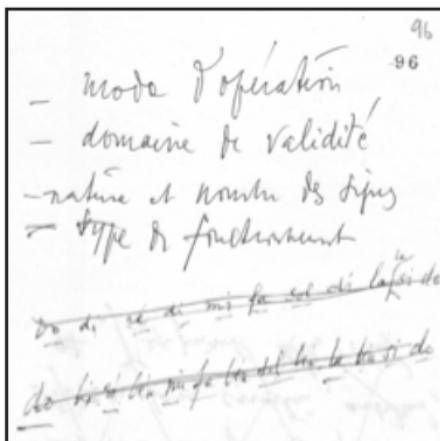
Parece evidente que as notas servem para apontar a necessidade de uma remissão a uma referência. É o caso da nota da f° 90, extraída do dossiê correspondente ao artigo “Semiologia da língua”¹⁸. Benveniste aponta a necessidade da remissão (“remeter”), o funcionamento da remissão na economia do artigo (“remeter em nota”), a citação com sua referência (“Mallarmé, p. 310”, “p. 852, Ciência da Linguagem”), mas também um comentário que explicita isso, pelo linguista autor, a importância: “Essa é a melhor definição.”



18 Os *papiers* relativos a este artigo se distribuem em 3 envelopes. Eis o dossiê genético tal como pude reconstituir a partir do fundo da BnF:

- 1) Notas manuscritas (PAP OR 49, Env. 221, f° 87 à 105);
- 2) Rascunho manuscrito
1ª parte: (PAP OR 53, Env. 117, f° 2 à 19)
2ª parte: (PAP OR 49, Env. 221, f° 20 a 86)
- 3) Datilografias (PAP OR 49, Env. 221, f° 1 à 53);
- 4) Provas da parte II do artigo para Semiotica II (PAP OR 45, Env. 163, f° 2 à 9).

A nota é frequentemente o lugar onde se inscreve o caminho a ser seguido. Assim, esta nota (fº 96) do artigo “Semiologia da Língua” aponta o plano que será conservado no rascunho (fº 24)



e que se encontra quase não modificado no artigo publicado:

“Um sistema semiológico se caracteriza:
1º por seu modo operatório,
2º por seu domínio de validade,
3º pela natureza e o número de seus signos,
4º por seu tipo de funcionamento.” (PLG 2, p. 51-52)”.

c) A nota como espaço de validação de uma noção

- *Explicitação antes da apropriação de uma referência*

Eis a nota fº 506 para a escritura do artigo “O Aparelho Formal da Enunciação” que não será retomada nem no rascunho nem no artigo:

506⁵⁴

Le phantôme est à inclure
dans le pragmatique.

C'est l'utilisation de
l'espèce en ~~vue~~ ^{décalée}
un contact ~~avec~~ ^{humain} du
rapport de connaissance
normal.

Embarras dont on
cherche à sortir par
une attitude d'exploration
bienveillante.

"O fático é preciso ser incluído no pragmático.

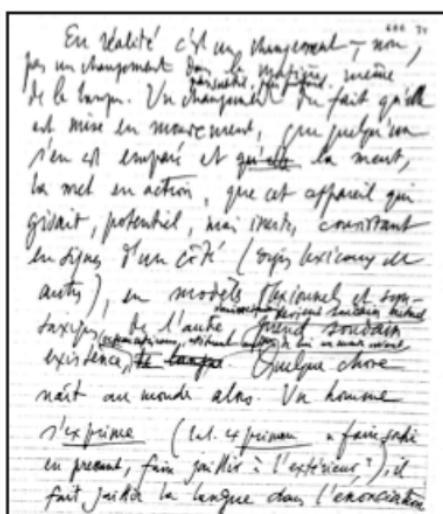
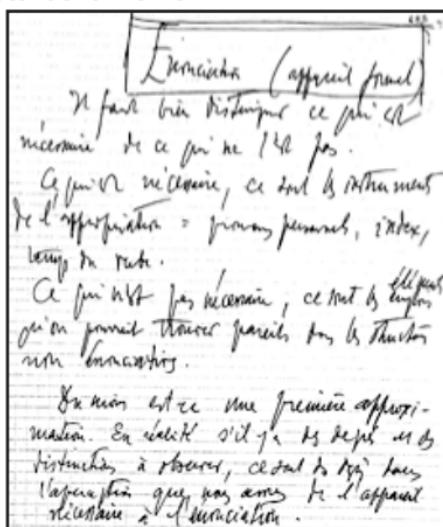
É a utilização da linguagem em
vista de estabelecer um contato
< humano > fora da relação de
conhecimento normal.

Embaraço do qual se procura sair
por uma atitude de exploração
benevolente".

Benveniste, depois de ter lido Malinowski, retoma por si mesmo a noção, experimentando uma definição. Este trabalho de reformulação sobre as notas lhe permite poder em seguida, depois da etapa do rascunho, integrar a referência a Malinowski, bem como a citação traduzida, com muito mais domínio. A referência se impõe, então ao nível das notas, a noção é descoberta e provada.

- Explicitação de uma noção em criação

Eu me contentaria, aqui, em mostrar esta nota. Aquele que é familiar a este artigo famoso de Benveniste, "O Aparelho Formal da Enunciação", verá, principalmente na f° 486, a ênfase extraordinária que toma esta explicitação da noção que ele pretende formalizar.



Enunciação (aparelho formal)

É preciso distinguir bem o que é necessário do que não o é.

O que é necessário, são os instrumentos da apropriação: pronomes pessoais, índice, tempos do verbo.

O que não é necessário, são os empregos <elementos> que se poderiam encontrar semelhantes nas estruturas não enunciativas.

Ao menos isto é uma primeira aproximação. Na realidade se há níveis ou distinções a observar, são os níveis na percepção que temos do aparelho necessário à enunciação.

Na realidade é uma mudança, não, não uma mudança na matéria mesmo da língua. Uma mudança <mais sutil, mais profunda> do fato ~~que~~ ~~ela~~ é posta em movimento, que alguém se apropria e que ela a persegue, a coloca em ação, que esse aparelho que jazia, potencial, mas inerte, consistindo em signos de um lado (signos lexicais e outros), em modelos flexionais e sintáticos do outro <se anima subitamente tornando-se de repente atual> toma de repente existência <se forma em discurso restituindo em torno dele um movimento vivo>; ~~de~~ língua. Alguma coisa nasce no mundo então. Um homem se expressa (lat. exprimere “fazer sair pressionando, fazer fluir ao exterior”), ele faz fluir a língua na enunciação

É preciso observar a repetição da palavra “subitamente”: “anima-se subitamente”, “torna-se subitamente atual”, “toma existência subitamente”. A nota está aí para domesticar, explicitando, a ideia nova se elaborando. É preciso desenrolar as palavras que se inscrevem para ter certeza de bem compreender e aceitar todas as sustentações e os resultados, saboreando as implicações ideológicas: “Alguma coisa nasce no mundo então. Um homem se exprime, ele faz jorrar a língua na enunciação”. O “vivo” do homem é a fala.

- Notas como suporte de reflexão à qual se renuncia

Em seu artigo “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (PLG 1, p. 75-87), Benveniste manifesta claramente sua apreciação positiva dos trabalhos de Freud e de sua descoberta do inconsciente. Sua crítica não repousa nessa base essencial. Ele indica, na verdade, que a descoberta freudiana não está em contradição com seus próprios avanços teóricos, mas que, além disso, ela faz aparecer o efeito incontornável da fala que diz, que age, que expõe a subjetividade.

Ora, se nós nos reportamos à nota transcrita abaixo¹⁹, constatamos uma mudança considerável: entre esta nota e o texto final, Benveniste passou do que pode aparecer como um contrassenso da teoria freudiana a uma compreensão fina do papel da linguagem na teoria psicanalítica.

“O papel da linguagem em psicanálise

A psicanálise aspira a se dar um estatuto científico. De terapêutica que ela é, ela quer se tornar uma disciplina do espírito.

A isso Como pode ela tornar-se isso? A posição situação natural da explicação em psic.

Noção de causa substituída por aquela de motivação. Desenvolver

A consequência é que a psica. se de cabe inteira numa verbalização.

Mas então intervém alguma coisa muito particular. Não é a linguagem, mas através e quase apesar da linguagem que o psicanalista deve retomar a trama da motivação que se emprega lentamente a reconstituir.

A linguagem é aqui não aquela dos linguistas mas aquela da interação subjetiva meio de se

¹⁹ Trata-se dos fólios 367 e 368, reunidos no volume 1 da caixa 29 do fundo da BnF. Os dois fólios são duas folhas soltas de pequeno formato.

exprimir e de sentir e de influenciar o outro, uma irradiação apaixonada ~~e mentirosa~~ uma fascinação intensa onde o ser se desnuda tanto quanto se manifesta.

O erro de Freud é de procurar na história das línguas – coletiva, norma social – o reflexo dessas tentações individuais. Exemplo desses erros, que denuncia a linguagem estudada pelos linguistas".

Nestas notas, uma fronteira estanque e opositiva está instituída entre a psicanálise e a linguística; no texto do artigo, a fronteira entre as duas disciplinas é, certamente, mantida, mas sem oposição, logicamente.

Todo o “erro”, se posso exprimir-me assim, de Benveniste, inscrito nesta nota, se encontra concentrado na expressão “apesar da linguagem”, que não será mais conservada no artigo.

d) A nota como lugar de formação do pensamento teórico

- Ruminações Enunciativas

Benveniste rumina²⁰ nas notas: algumas vezes várias “versões” da mesma nota, do conteúdo da mesma nota, depois escrita cursiva de uma só vez ou quase a teorização enunciada. Contrariamente ao que se poderá crer observando-se o “rascunho” (conjunto de uma única tomada redacional), não se trata de escrita espontânea, mas de uma escrita ruminada, várias vezes enunciada nas notas para chegar a um enunciado, cursivo que se sustenta e que ficará “parado” provisoriamente no rascunho, depois definitivamente no texto publicado. Não é raro, no conjunto dos dossiês percorridos, ver o conteúdo de uma nota retomado em diversos fólios. Nesse sentido, Benveniste se expõe ele

²⁰ Eu utilizo o termo “ruminar” conforme *Le Robert* “repassar uma coisa em seu espírito, submeter várias vezes à atenção”.

mesmo no seu fazer, a ideia que ele defende segundo a qual o pensamento não existe previamente à linguagem que o exprime e, mais precisamente, “que a ideia só encontra forma num agenciamento sintagmático”²¹.

Isso se distingue também completamente do “primeiro esboço” do qual falam certos escritores literários: primeiro esboço, magma, argila a modelar em seguida, que é frequentemente um espaço de escritura contínua, sem reflexão, onde se trata principalmente de deixar vir as palavras tal como elas se apresentam. O que se encontra nas notas é uma escrita hesitante, repetitiva, pensante, onde a repetição é a marca ao mesmo tempo da hesitação e da insistência. Hesitação para continuar a pesquisar a formulação mais adequada. Insistência porque o pensamento está aí para abrir em palavras seu caminho.

- Pesquisa da formulação teórica

A colocação em forma e em palavras da formulação teórica mais adequada é em geral muito visível na passagem das notas para o rascunho.

- Hesitações conceituais

Ao lado de ruminações, de explicitações, encontramos, nas notas de Benveniste, hesitações marcadas entre dois ou três conceitos, mais exatamente, talvez, entre diferentes nomeações de conceitos. Essas hesitações indicam então as dificuldades da invenção, as dificuldades próprias da criação teórica. Essas hesitações são às vezes mantidas das notas ao rascunho, às vezes pouco aparentes enquanto tais nas notas: a configuração do discurso não se presta muito a fazê-las aparecerem, elas são visíveis no rascunho, como nesta página do rascunho de “O aparelho formal da enunciação” (fº 456), onde a substituição de “discurso” por “fala” não pode passar despercebida.

²¹ “O homem na língua”, *Problemas de Linguística Geral II*, p. 226.

*Le mécanisme de cette production aussi bien que dans l'écriture d'un aspect major du même problème. L'enunciativ suppose la conversão individual da língua em ~~discours~~.
Tiré la question - tiré difficile et peu étudiée enfin - est de voir comment le "sens" se forme en "palavras," e dans quelle mesure on peut distinguer entre les deux notions et dans*

"Aqui aparece o <O mecanismo desta produção> é um <outro> aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em ~~fala~~ <discurso>. Aqui a questão - muito difícil e pouco estudada ainda - é de ver como o "sentido" se forma em "palavras," e em qual medida podemos distinguir entre as duas noções e em quais termos sua interação. É a semantização da língua que está no centro ~~desta~~ deste aspecto da enunciação, e ela conduz".

Partamos de uma constatação elementar, mas muito instrutiva: Benveniste guardou, quase todos os dossiês que nós podemos consultar na BnF, suas notas. Mesmo depois da redação do artigo, as notas são conservadas. Por quê? Uma razão prática se impõe: as reflexões, as tomadas de posição, as referências trazidas nas notas poderiam servir à escritura de um outro artigo, este uso pode ser atestado pela observação dos arquivos.

Mas isso não é suficiente. A escritura certa e cursiva da qual testemunham os rascunhos poderia induzir-nos a pensar que as notas uma vez recuperadas na escritura do rascunho são inúteis. Por que guardá-las? Porque é o lugar onde ele pensa, reflete, organiza, se informa. Trata-se de um espaço estratégico onde a ideia toma lugar, espaço e forma, onde o pensamento nasce porque ele se escreve.

A partir de um avanço do pensamento cumulativo ele procura, graças a notas às vezes ruminativas, às vezes pro-

gressivas, a melhor formulação possível ao “problema” que ele se propõe. O rascunho é geralmente escrito de uma só vez, sobre um conjunto de mesmas folhas que se seguem e que são numeradas progressivamente por Benveniste.

No processo de escritura do artigo, o mais interessante é a passagem entre notas e rascunho. Como se, depois das notas, ou mais exatamente na retomada redacional das notas, tudo se escrevia ao mesmo tempo sinteticamente e progressivamente. O lugar mais heurístico do ponto de vista da formação de noções, do ponto de vista, então, da conceitualização, é o espaço da escritura das notas. O gesto de escritura que tem lugar aí é rico de todos os componentes, de todo gesto de escritura: o gesto físico-suporte engaja um movimento cognitivo e mental de escritura bem como a atenção psíquica do sujeito que escreve. Junta-se, parece-me, a esta misteriosa configuração habitual de todo gesto de escritura, a insistência enunciativa, que é raramente um “pisoteio”, mas que é avançada de reformulações, de re-enunciações de fórmulas, de hesitações repetidas (fala/discurso). Esse conjunto de formas enunciativas, ao mesmo tempo determinadas, consistentes, mas moduláveis, ainda se encarregam da circulação do pensamento teórico e vão promover finalmente (quer dizer no texto final) um avanço conceitual.

Nas notas, Benveniste pensa-escreve: ele cria, ele inova ou então ele se documenta, ele abre seu “problema” ao mundo e coloca observações e suas surpresas. No rascunho, ele formula, ele teoriza. Dito de outro modo, nas notas, ele pensa e rumina para circunscrever seu objeto e encontrar a expressão de seus conceitos; no rascunho, ele está na escritura teórica expondo seu objeto para os outros linguistas e teóricos da linguagem. Esse objeto deve fazer avançar sua disciplina em relação a seus predecessores e mestres, no caso Saussure. Benveniste procura então a expressão mais apropriada em vista do leitor de seu artigo. No espaço-tempo das notas ele pensa; no espaço-tempo do rascunho, ele escreve para a leitura dos outros.

É bem possível que haja aí uma especificidade de

escrita científica em relação à escrita literária onde os repentes²² mais significativos ficam no interior dos rascunhos. Para um escritor de ficção, a nota é um lembrete ou um ensaio de palavras, de títulos, de “formulações”: não deixar escapar o espontâneo subjetivo ou, ao contrário, fixar uma referência, uma citação, etc. Para o cientista, a nota é ao mesmo tempo lugar e material de reflexão, uma etapa da criação: o espaço-tempo da invenção do pensamento.

Se considerarmos o modo comunicacional, a publicação do artigo e a circulação deste no campo da comunidade linguística, trata-se de escrito que se pode qualificar de efêmero, pois não é destinado a circular. Mas, se considerarmos o texto final - o artigo – no trabalho do qual elas são parte integrante, essas notas são da escrita intermediária, sem dúvida, fazendo a ligação entre as potencialidades de criação teórica e a produção de seu texto publicado, mas uma escrita intermediária que não é uma simples mediação. As notas de trabalho, tais como funcionam para Benveniste, constituem o lugar da inovação científica. Não se trata de um esboço do pensamento, mas de uma inscrição de pensamento que, à medida de sua enunciação, se cria. O pensamento se escreve porque a escritura é pensante e porque o pensamento não pré-existe à sua expressão languageira, como disse Benveniste ele mesmo com insistência.

I. 4. Analisar as operações de escrita e os processos enunciativos (Dimensão micro)

A análise dos manuscritos se dá pela observação rigorosa de tudo aquilo que se passa e o balizamento idealmente exaustivo de todos os traços. Elas são de dois tipos.

Há, de um lado, **as operações gráficas**: rasuras, riscos para anular, acréscimos na margem, acréscimos entre

22 NT: O que nas notas são repentinamente riscados, retraçados, substituídos, passam para o rascunho em sua segunda forma e já sustentado teoricamente.

linhas, sobrecarga, que se apresentam sob todas as formas; e há, por outro lado, as **operações de modificações enunciativas**: acréscimo, supressão, deslocamento, substituição.

Esta distinção é muito importante, pois ela é o resultado de dois pontos de vista diferentes: um ponto de vista semiótico: **como se apresenta** tal rascunho, qual é a semiosis de tal autor (seu estilo semiótico) e **como se recompõe** a cada modificação a economia enunciativa, ou seja, a linearidade textual.

Sémiologie de la langue La sémiologie aura beaucoup à faire non que pour voir où se limite son domaine. ^{3 2} Foucault & Saussure (L)

Depuis que les deux génes mythiques, Peirce et Saussure, ont en complément ignoré l'un de l'autre et dans la même le même temps, conçu la possibilité d'une science des signes et travaille à l'instaurer, un grand problème a surgi : quelle est la place de la langue parmi les systèmes semiotiques de signes ?

Peirce, reprenant à John Locke la dénomination signification pour une science des signes et des significations à part de la logique, conçue comme science du langage, s'est donné toute sa vie à l'élaboration de ce

Desde que dois gênios antitéticos, Peirce e Saussure, conceberam em plena ignorância <em completa> ignorância um do outro e aos poucos <aproximadamente> ao mesmo tempo (2), concebido a possibilidade de uma ciência de ciências signos e retrabalharam para instaurá-la, um grande problema surgiu na sempre insistia que ele jamais foi abordado de frente nem mesmo <que ele não foi ainda> posto claramente <que não foi ainda tomado> <que ainda não recebeu sua forma precisa, não tendo mesmo sido posto claramente, porque na confusão que reina nesse domínio>: qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?

Semiosis de gráfios: a gente vê as diferentes formas de rasuras, de acréscimos (diferentes formas de papéis colados), acréscimos num acréscimo precedente, os apelos de notas, os sublinhados.

Operações de modificações enunciativas: aqui essencialmente acréscimo e principalmente substituição, algumas supressões. Não tenho tempo de fazê-lo aqui, mas veremos que seria muito interessante de olhar mais de perto a recomposição contínua enunciativa: Benveniste, ele que escreve facilmente, tropeça aqui sobre uma dificuldade, hesita, pois a questão que ele coloca e que está aí intocada, desde o primeiro momento, é a questão que vai lhe permitir avançar depois de Saussure, desafio para ele importante.

II. Gênese da escritura de invenção

II. 1. Gênese do discurso linguístico

Quando se adentra no interior da obra de um autor, é relativamente fácil constatar que seu discurso evolui. Mathieu Valette fez assim a gênese dos conceitos em Gustave Guillaume. E é verdade que os textos publicados informam

suficientemente, para dizer o mínimo, qual foi o caminho abertamente aceito pelo autor. Mas a observação genética nos traz muito mais: ela nos confronta com coisas deixadas de lado, com as emergências abortadas, com as retomadas, com as distâncias mais ou menos longas de formulações, de reflexões que falam sobre o processo de elaboração de um discurso.

Assim a noção de “aparelho” e mesmo de “aparelho formal” em Benveniste vai estar presente bem antes da escritura de “O aparelho formal da enunciação”, mas ficará escondida nos rascunhos. Eu voltarei a isso. O linguista deixa aparecer em seus “rascunhos” todas as solicitações metodológicas pelas quais ele passa e as prescrições, ver injunções, que trazem resultados para a finalização de seu discurso.

Do mesmo modo, sua concepção da enunciação, se ela é derivada de sua concepção de linguagem mesmo, será precisada à medida em que outros conceitos-chave, estritamente linguísticos, serão formulados: tal como ocorre com os conceitos acoplados semiótico/semântico sobre os quais continuaremos a seguir.

II. 2. Tipologia dos traços específicos da escritura linguística em acordo com os gêneros de escritura

Eu tomarei como exemplo a maneira como ele trata diferentemente, no discurso sobre suas notas e rascunhos, um mesmo conteúdo conceitual: o par semiótico/semântico pelo qual ele avança depois de Saussure e sobre o qual ele apoia a enunciação, segundo o que ele se prepara para fazer nos cursos no Collège de France (1968-1969), o que ele se prepara para comunicar no primeiro *Symposium de Varsovie* (1968), ou o que ele escreve em seu artigo “Semiologia da língua” (1969). Bastante explícito por sua comunicação no simpósio: ele o expõe e se confronta com seus pares, (o objeto e o título de sua comunicação é exatamente esse par, ele se retoma muito nos rascunhos (desde as notas)

para encontrar a melhor formulação que ficará escrita e será *publicada*, no Curso, já ali, ele se serve desta invenção para precisar uma outra questão, que é aquela da relação da escritura com a língua, tema deste curso. Mas se lançarmos um olhar atento às primeiras frases relatadas no quadro abaixo, veremos bem que a enunciação discursiva é variável de acordo com os gêneros²³:

Vejamos o quadro que organizamos:

Notas para a contribuição no Symposium de Varsóvia: « A distinção entre a semiótica e a semântica » (fº 113 -116) Agosto 1968	Rascunho do artigo « Semiologia da língua » (fº 69-71) 1968-1969 (ano pubº)	Notas para o Curso no Collège de France (fº 188 e 190) 1968-1969
O semântico se reporta à ordem da significação que é engendrada pelo discurso , pela realização do ato de fala que propõe um universo de seres, de relações entre eles, o que se aplica a uma descrição, que tem então uma função de acompanhamento ou melhor, deixa ver um processo através dele mesmo, e tudo isso é desenhado, efetuado por uma montagem de palavras. Ele instaura um universo do	Em A língua reúne combina dois modos distintos de significância, que nós chamamos o modo semiótico de um lado, o modo semântico de outro. O semiótico designa o modo de significância que é próprio ao signo linguístico onde ele é tomado inteiramente > como unidade <para duas faces e dissociável> indivisível, bivalente. É Unidade ele é, unidade ele permanece. A única questão que	Nosso propósito era estudar a língua, depois sua relação com a escritura, para ver como uma e a outra <u>significariam</u> (operavam uma significação com ajuda de um sistema de distinções representativas e constantes). Mas nos vemos diante desta constatação: a língua e a escritura significam exatamente da mesma maneira: natureza de distinção, eixos semióticos e eixos semânticos.

²³ A finalização desse trabalho pode ser lida no artigo de Valentina Chepiga, Yoshimitsu Eguchi, Irène Fenoglio et Julie Lefebvre: "Três tipos discursivos para uma só problemática teórica – o par conceitual semiótico/semântico nos manuscritos de Emile Benveniste"; ele pode ser encontrado no seguinte site: http://www.shsconferences.org/index.php?option=com_article&access=doi&doi=10.1051/shsconf/20120100133&Itemid=129

discurso. O semiótico, ao contrário, não tem nada que a transmitir, a fazer ver senão ele mesmo <do signo, descontínuo, unidade, pura identidade consigo mesmo, pura alteridade com todo o outro>. Mas ele é o **mé material de toda enunciação, a condição <primeira>** do semântico. [...] O semiótico se relaciona com o **modo de significância própria ao signo tomado nele mesmo** do fato que a ele apenas <e em estado isolado> ele evoca ao espírito um significado: arbre - chanson - <tomber laver> - nerf - fröid <cirque barque> - sur (e não: *érbre - *van-son - *raver *laner - *derf - *birque *tur) que tem valor referencial em relação a outros signos <vizinhos de forma significação> (sabre: sobre ou sabre: sable ou sabre: labre) ou vizinho de significado (sabre: épée sabre: fusil); faz-se necessário compor uma unidade complexa: sabre d'abordage - sabre de cavalerie. Para além das posições saussureanas se faz por duas

ele suscita Essa e que está lá e que o constitui como unidade. Pode-se, pelas necessidades de análise, considerar separadamente suas duas faces, mas em sob a relação de significância, unidade ele, unidade ele permanece. A única questão que ele suscita para se legitimar é aquela de sua existência, e esta se decide por sim ou não. Com o **semântico**, nós entramos no modo <específico > de significância que é engendrada pelo discurso. Os problemas que se colocam aqui são função da língua como produtora de mensagens.

[...]
Em segundo lugar, o **semântico** leva necessariamente em conta o conjunto dos referentes, que em <enquanto> o **semiótico é por princípio recortado e independente <de todo referente>**. O semântico se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso.

[...]

Os sistemas bi-semânticos consistindo em uma base de signos diferenciais, combina-os/áveis aos fins da expressão do pensamento. Aqui há um código da combinação pela qual ela torna-se significante a partir das unidades de bases/e que são elas mesmas semióticas. Isto volta a distinguir o semiótico e a realização semântica do discurso.

vias

No interior da linguagem pela abertura **de uma nova posição**, a dimensão semântica, em relação àquela a dimensão saussureana se definirá como semiótica. Faz-se necessário aqui combater a ideia – ilusória – que pode-se passar do **signo** ao **discurso** por simples adição. O processo aditivo é uma metabase linguística e lógica. Há contradição entre a noção de signo, que implica como ela é vista, a unidade – e essa da frase que não existe senão pela sucessividade. Não se pode passar do signo ao discurso por uma transição contínua. Entre os dois há um hiato; rompe-se com o **signo linguístico** desde que se passe ao estudo **dos enunciados, das produções de discursos ou de textos**. Portanto, como temos especificado para **o signo** um aparelho de definições que caracterizam e resumem o **plano** – a ordem do **semiótico**, da mesma maneira far-se-á necessariamente, para **a frase ou o discurso**,

<p>criar um aparelho <u>distinto</u> e elaborar um aparelho diferente de definições: é isto que propomos chamar o <u>semântico</u>.</p>		
--	--	--

No campo das pesquisas atuais sobre o discurso científico, há um estatuto privilegiado de acordo com o gênero emblemático do artigo. Além disso, a especificidade da genética textual vem se alojar nesse lugar: a abertura dos “papiers” permite a amplitude dos tipos de escritos. Todos têm seu papel, sua particularidade do ponto de vista do gênero de processos de escritura, mas o resultado é de toda maneira de uma maior complexidade, portanto uma maior riqueza.

II. 3. Tipologia dos traços estilísticos autorais no interior dos traços específicos à escritura linguística

Quando eu fiz a análise do artigo “A linguagem e a experiência humana”, eu destaquei sistematicamente a maneira pela qual Benveniste se retomava para fazer avançar a conceitualização do termo natural “experiência”. Eu pude abrir três rubricas, das quais as fronteiras, evidentemente, não são estanques, mas que me permitiram enquadrar as anotações dispersas no decorrer da análise. Essas rubricas permitem uma tipologia de traços específicos à escritura linguística e de traços específicos à escritura de Benveniste. Eu remeto aqui ao detalhe apresentado em minha comunicação CMLF²⁴ (on line), eu apresento aqui exatamente a estrutura encontrada:

1—Processos escriturais (mais ou menos controlados) e redacionais

²⁴ NT: CMLF é a sigla do Congresso Mundial de Linguística Francesa, ocorrido em 2010, conforme bibliografia.

- *Pontuar o termo que traz contribuição teórica (sublinhar ou aspas ou itálico);*
- *estreitar a determinação dos termos empregados para a construção teórica, primeiro passo para uma definição: encontra-se um léxico apropriado à determinação: “significar”, “definir” e o uso de participios marcando o processo de realização;*
- *busca de expressões equivalentes substitutivas à expressão posta em questão no artigo: uso de paradigmas: “experiência vivida / própria / humana / relatada/ consciente e descrita / implicada”. Essa etapa é revelada duas vezes em nossa análise, dita de outra forma, é reiterada. Ela é marcada, ao mesmo tempo pela insistência e pela hesitação. Ela é o lugar de trabalho mais intenso, ela é o lugar do pensamento mais criativo ;*
- *definir enfim: graças à locução “não se trata de [...] mas totalmente ao contrário” e do complemento de uma proposição determinativa do termo a definir “a experiência que constitui...”*

2–Procedimentos programáticos (controlados)

- *Enunciar um programa de operações metodológicas pela utilização de infinitivos marcando a injunção;*
- *diferenciar as tarefas, os métodos, os pontos de vista sobre um mesmo objeto linguístico por um léxico apropriado: substantivos (“tarefas”, “abordagens”), verbos (“abordar”, “ajustar-se a”, “tomar”), advérbios (“como”);*
- *se afastar do “habito” “maneira habitual”, “negligenciar por hábito”;*
- *hesitações metodológicas: hesitação entre uma atividade programática (“não se trata de descrever a experiência [...] mas ao contrário de não descrevê-la apenas...”) e a designação do objeto de observação (“não se trata da experiência consciente [...] mas bem ao contrário da experiência implicada”). O uso de “trata-se disso/não se trata disso” impõe-se que seja assim;*

- *enunciar firmemente sua tarefa*: uso de eufemismo “nós tentamos aqui esclarecer duas categorias...” onde se destaca a presença incontornável do advérbio aqui.

3–Posicionamento epistêmico do autor

- *Marcar seu lugar particular de autor a partir de uma herança comum;*
- *situar-se como autor no interior de uma comunidade*: emprego de pronomes correspondentes à *primeira pessoa do plural*; *o nós/nosso/nos inclusivos*;
- *marcar a tarefa particular do autor*, no interior da comunidade por emprego de *formas impessoais* com irrupção de um *nós exclusivo* (“nós tentamos aqui esclarecer duas categorias...”);
- *marcar sua opção teórica singular no interior de uma comunidade.*

Examinando essas rubricas, elas permitem uma primeira classificação dos marcadores linguísticos de operações e junta-se ao nosso apontamento anterior sobre os traços relativos à escritura linguística. Mas há outras pistas do mesmo tipo, sobre outros autores, que permitirão destacar os traços específicos de um autor, dizendo de outro modo os traços estilísticos. Assim, nós destacamos que isso que chamamos “procedimentos programáticos” se situa quase exclusivamente no início da fase de escritura; isso não é surpreendente, contudo é interessante notá-lo, pois se trata de algo que está aí, certamente é um traço específico ao trabalho científico. Mas o traço que consiste em employar sistematicamente (nos rascunhos) a expressão “não se trata de... mas de...” nos parece ser um traço de Benveniste que define, desde o princípio, pelo negativo, seu próprio ponto de vista (não se trata de) antes de defini-lo no positivo (mas de); ele a define assim duas vezes e satisfaz sua exigência de rigor, mas também, antes de indicar sua posição científica (“trata-se de”), ele coloca uma posição científica precedente (“não se trata de” vem sempre em primeiro), a partir da qual ele reflete e avança.

III. Gênese de noções e conceitos linguísticos

fº 55 das notas para o Symposium de Varsovie

De um lado – do semântico – procede finalmente a unidade conceitual chamada “signo” que é a unidade semiótica. É o discurso, a língua em exercício, em repetição, em recorrência, que conduz à formação dos signos, carregados de significar que são os correlatos linguísticos dos conceitos.

III.1. Gênese de conceitos autorais no interior de um escrito (noção de experiência humana)

Uma noção ou um conceito é do discurso e não é recuperável senão no interior de um discurso teórico. Vejamos o estudo sistemático que eu pude fazer no dossiê do artigo correspondente em “A linguagem e a experiência humana” da formação do conceito de “experiência”: da palavra “normal”, torna-se um conceito que designa a expressão linguística do tempo e da pessoa. Eu não posso me estender sobre isso, eu passo então a discorrer sobre o primeiro ponto, a colocação da noção no início e eu mostro bem rapidamente a evolução da palavra “experiência” no interior de um discurso teórico.

1. O início do artigo: origem da emergência de uma noção e do posicionamento epistêmico de um autor
 1. 1. As notas
 1. 2. Os rascunhos: duas versões em B1 e uma esclarecida em B2
2. A noção de “experiência”: premissas de uma teoria da enunciação
 2. 1. Funcionamento difícil
 2. 2. Papel dos determinantes
 2. 3. Hesitações redacionais e de descobertas originais

O “aparelho formal” presente nos rascunhos de “A linguagem e a experiência humana” que não permanecerá no texto final, mas que retornará como proposição teórica, 5 anos depois com o artigo fundador “O aparelho formal da enunciação”. Esta é uma descoberta tão preciosa quanto as outras (hesitação entre fala e discurso ou entre língua e linguagem). É preciso “coletar sistematicamente estes pequenos discernimentos” segundo a expressão de Carlo Ginzburg que retoma de Horace Walpole o neologismo *serendipity* para designar “as descobertas imprevisíveis, frutos do acaso e da inteligência”²⁵.

III. 2. Gênese de conceitos autorais no interior de uma obra (noção “de aparelho formal”)

Trabalhando sobre o dossiê genético de “A linguagem e a experiência humana”, eu me dei conta desta descoberta: no rascunho 1 (f° 515) aparece ligada à noção de experiência a expressão “aparelho formal”:

Je suis très peu à ce sujet intéressé car c'est là
que l'analyse des langages théorise tout, aucun «*appareil*»
n'a que avec le Temps; auquel aucun «*appareil*» n'a rien
à recouvrir et à décrire. C'est cette qui semble
l'appareil immédiatement à l'analyse, et celle
qui se décrit le plus malencontreusement à l'application. En h
crit évidemment différente et elle ne cache pas un
appareil formel qui la distingue du fait qu'il ne la
désigne.

²⁵ C. Ginzburg, *Mythes, emblèmes, traces*, ed. Verdier, 2010, p. 274.

De todas as formas de experiência inerentes à linguagem e que a análise d/as línguas revelam <refletem> todas, nenhuma é tão rica quanto aquela do tempo; nenhuma é tão difícil de reconhecer e de descrever. É esta que parece de acesso imediatamente à análise, e esta que se despe o mais malignamente à apreensão. Acredita-se diretamente apreensível e <aludindo toda apreensão direta> ela se esconde em um aparelho formal que a dissimula ao invés de demonstrá-la.

Eu acreditei, um tempo, que este aparecimento no B1, não retomado em B2 e no texto final, seria o primeiro (1965) da expressão “aparelho formal” utilizada no título do artigo famoso (1970). Mas, de fato, há outras ocorrências. Em 1959, já encontramos a expressão “aparelho formal do discurso” no artigo publicado “As relações de tempo no verbo francês” (*PLG I*, p. 239), do qual eu não tinha visto ainda os rascunhos:

“O plano histórico da enunciação se reconhece ao se impor uma delimitação particular às duas categorias verbais do tempo e da pessoa tomadas juntas [...] O historiador não dirá jamais eu nem tu, nem aqui, nem agora, porque ele não emprestará jamais o aparelho formal do discurso, que consiste antes de qualquer coisa na relação de pessoa eu:tu. Não constataremos consequentemente no relato histórico estritamente perseguido senão as formas de “3^a pessoa”.

Em 1967, dois anos após “A linguagem e a experiência humana” e três anos antes de “O aparelho formal da enunciação”, ele emprega a expressão “aparelho formal” no artigo “Fundamentos sintáticos da composição nominal” (*PLG2*, p. 160):

“A língua não é um repertório imóvel que cada locutor só a mobilizaria com fins de sua expressão própria. Ela é nela mesma o lugar de um trabalho incessante

que trata sobre o **aparelho formal**, transforma suas categorias e produz classes novas”.

Ele emprega então o termo “de aparelho” nos artigos de “detalhes”, se eu ouso dizer, e não nos artigos de envergadura teórica, isto significa que o termo é bem definido para ele, e operatório. Está claro que a origem desta expressão em Benveniste está por ser explorada e isso será, certamente, muito interessante.

III.3. Gênese cultural de conceitos por transmissão e recepção (noção de enunciação)

O que há por fazer? As pistas têm sido abertas no volume que vai sair logo e que é dirigido por Emilie Brunet e Rudolf Mahrer sob o título *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des problèmes de linguistique générale*. A expressão “teoria da enunciação” viria de Bally. Pessoalmente, eu não fiz esse trabalho ainda, mas está claro que a abertura de fundos de arquivos de linguistas enriquecerá mais do que se pensa tais perspectivas; pelos rascunhos, certo, mas também pela correspondência: a exemplo de Valelia Muni Toke, a correspondência entre Pichon e Tesnières, um rascunho da carta onde uma longa reflexão interessante não foi retomada na carta efetivamente enviada (duplo carbono conservado). Ela só teve interesse por este rascunho porque eu lhe solicitei para que ela viesse nos apresentar a correspondência.

Conclusão

Há certamente uma tripla aposta a partir do corpus Benveniste. Além dos estudos monográficos concernentes a Benveniste que tem sua própria necessidade, compreender o desenvolvimento do pensamento teórico do linguista, os resultados obtidos devem imperativamente ser confronta-

dos a outros estudos análogos feitos sobre corpus de outros autores-linguistas.

O Fundo Benveniste é um fundo *polinizador* que dá o impulso para a abertura de outros fundos pela conjunção do linguístico, da genética e do editorial. Isso representa um verdadeiro desafio para as ciências da linguagem e para as ciências humanas. O simples fato de abrir transcende o fundo próprio e particular que ele representa para chamar a abertura de outros fundos para uma observação e uma análise genética e propor outras orientações e questionamentos que podem se apoiar sobre os resultados genéticos mas que ultrapassa o descritivo, por mais sutil que ele seja.

A interrogação trazida sobre os manuscritos não é, como poderíamos crer, somente de ordem metodológica. Seu ponto forte é teórico: a visibilidade da elaboração conceitual pelo e no interior do cerne da escritura (as palavras, as frases, o discurso, mas também, para o discurso em fabricação, as rasuras, as retomadas, os deslocamentos) é ela de natureza capaz de modificar a compreensão das noções e conceitos ofertados no discurso teórico publicado?

Emergência da questão da autorialidade dos autores em ciências humanas. Se “a escrita mantém ‘visíveis os elementos constitutivos [...] de um discurso bem além do instante de sua enunciação’” (Hébrard *Lidil*, 1983, p. 71), pode-se acrescentar que o “rascunho” mantém, para sempre, as hesitações, as não-hesitações ou pontos seguros, as confusões, as insistências que enquadraram e alimentaram, do interior, a produção de um enunciado lisível, legível.

O manuscrito arquiva o gesto psíquico da escritura. Abrir, observar e analisar os manuscritos em geral, mas de linguistas em particular (a ferramenta de observação é tanto material quanto objeto de investigação) opera um modo de revolução epistemológica: os rascunhos não são mais impurezas a esconder, mas eles são arquivagem rica à estratificação arqueológica do pensamento reflexivo, em ato. Não é preciso esconder as rasuras, é preciso conservá-las e analisá-las.

Isso opera também uma argumentação sustentada

pelas provas (no sentido jurídico e científico: materialidades tangíveis, cronologia recuperável...) contra a visão exclusivamente cognitivista que não levanta hipóteses, mas afirma que o pensamento é anterior à expressão verbal e que modaliza *a priori* a passagem deste pensamento já presente à sua materialização linguageira.

Encontramos também nos manuscritos a emoção dos pesquisadores. Eu terminaria por esta nota entusiasmante (já citada anteriormente) em que revela um Benveniste lutando com sua própria emoção de pesquisador, com o entusiasmo da curiosidade e da descoberta, surpresa diante da banalidade repentina tornada misteriosa ao ponto que o linguista tenha se sustentado em uma verificação etimológica da fonte latina do termo que lhe veio: "lat. exprimere", verificação, que, é claro, não aparecerá no texto finalizado.

486. 35

En réalité c'est un changement - non pas un changement dans la matière même de la langue. Un changement qui fait qu'il est mis en mouvement, que quelqu'un s'en aperçoit et qui est la ment, la met en action, que est appareil qui dirait, potentiel, mais immobile, constant en soi. Il n'y a rien (sauf le lexicon de auto), un modèle flexionnel et syntaxique de l'autre (qui est son état d'existence), de la langue. Quelque chose naît au monde alors. Un homme s'exprime (lat. exprimere = faire sortir en prenant, faire jaillir à l'extérieur), il fait jaillir la langue dans l'énonciation.

Na realidade é uma mudança, não, não uma mudança na matéria mesmo da língua. Uma mudança <mais sutil, mais profunda> do fato que ela é posta em movimento, que alguém se apropria e que ela a persegue, a coloca em ação, que esse aparelho que jazia, potencial, mas inerte, consistindo em signos de um lado (signos lexicais e outros), em modelos flexionais e sintáticos do outro <se anima subitamente tornando-se de repente atual> toma de repente existência <se forma em discurso restituindo em torno dele um movimento vivo>; de língua. Alguma coisa nasce no mundo então. Um homem se expressa (lat. exprimere “fazer sair pressionando, fazer fluir ao exterior”), ele faz fluir a língua na enunciação

Pode-se mensurar, aí, lendo esta nota, a profundidade da linguística de Benveniste, sua dimensão antropológica: para além da descrição do funcionamento da língua, há a descoberta, o encantamento e a compreensão metafísica do que é a linguagem para o humano.

Mas podemos também nos dar conta da energia presente no manuscrito e que vai ser transmitida ao texto que vai ser seu resultado. O texto, forçadamente vai adoçá-la, civilizá-la, alisá-la, ocultá-la. Ele não impede o manuscrito de dar-se a ver!

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS²⁶

Adam J.-M. (2002). Discours et interdisciplinarité. Benveniste lecteur de Saussure, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 54, Genève, éd. Droz, 241-258.

Bellemin-Noël, J. (1972). *Le texte et l'avant-texte*. Paris, Larousse.

Benveniste E., *Problèmes de linguistique générale*, vol. 1 et 2, Paris, Gallimard, 1966 et 1974.

Benveniste E., *Dernières leçons. Collège de France, 1968 et 1969* (texte établi par J.-C. Coquet et I. Fenoglio), Paris, éd. Seuil-Gallimard-EHESS, 2012.

Bergounioux G. (2005). Saussure sans sémantique ou le signifié ne fait pas science. *Revue de sémantique et pragmatique* 18, Presses Universitaires d'Orléans, 69-85.

Bergounioux G. (2007). La stylistique : Bally auteur du *Cours de linguistique générale*. *Pratiques* 135-136, *Questions de style*, Metz.

Blumenthal P. (2007). Sciences de l'Homme vs sciences exactes : combinatoire des mots dans la vulgarisation scientifique. *Revue française de linguistique appliquée* Vol XII-2 « Lexique et écrits scientifiques », Amsterdam, éd. De Werelt, p.15-28.

Boch F., Grossmann F. et Rinck F. (2007). *Conformément à nos attentes... : les marqueurs de convergence/divergence dans l'article de linguistique*. *Revue française de linguistique*.

²⁶ NT: As indicações bibliográficas estão mantidas tais como apresentadas no original.

tique appliquée Vol XII-2 *Lexique et écrits scientifiques*, Amsterdam, éd. De Werelt, 109-122.

Brunet E. (2007). *Le fonds Benveniste de la Bibliothèque nationale de France : rapport d'étape*, BnF (synthèse en ligne : <http://www.item.ens.fr/index.php?id=200861>).

Brunet E. et Mahrer R. (ed) (2011). *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des problèmes de linguistique générale*, éd. Academia-Bruylant (coll. Sciences du langage. Carrefours et points de vue), sous presse.

Fenoglio I. (dir). (2007). *L'écriture et le souci de la langue. Ecrivains, linguistes : témoignages et traces manuscrites*, Louvain-la- neuve, Academia-Bruylant.

Fenoglio I. (2007). *Du texte avant le texte. Formes génétiques et marques énonciatives de pré-visions textualisantes*. *Langue française* 155, p. 8-34.

Fenoglio I. (2008). Observer un manuscrit. Transmettre un document de genèse, in Crasson A. (ed) *L'édition du manuscrit. Du manuscrit de création au scriptorium électronique*, p. 53-64.

Fenoglio I. (2009a). Les notes de travail d'Emile Benveniste : où la pensée théorique naît via son énonciation. *Langage & Société* 127 : *Ecritures scientifiques. Carnets, notes, ébauches*, Paris, MSH, p. 23-49.

Fenoglio I. (2009b). Conceptualisation et textualisation dans le manuscrit de l'article « le langage et l'expérience humaine » d'Emile Benveniste. Une contribution à la génétique de l'écriture en sciences humaines. *Modèles linguistiques*, Tome XXX-1, vol. 59, p. 71-99.

Fenoglio I. (2010) «Conceptualisation linguistique : du manuscrit au texte. Contribution à l'étude des spécificités de

l'écriture scientifique», Actes du Congrès Mondial de Linguistique Française (CMLF 2010), CD-Rom. En ligne <http://www.item.ens.fr/index.php?id=577246>

Fenoglio I. (2011) «Déplier l'écriture pensante pour relire l'article publié. Les manuscrits de «L'appareil formel de l'énonciation »» in *Relire Benveniste. Des linguistiques énonciatives*, (E. Brunet et R. Mahrer ed), Louvain la Neuve, Académia Bruylant (coll. « Sciences du langages »), à paraître.

Fonds Emile Benveniste de la BnF, Département des manuscrits (archives et manuscrits)

Genesis 20 (2003). *Ecriture scientifique*, Paris, éd. J.-M. Place.

Ginzburg C. (2006), *Le fil et les traces. Vrai faux fictif*, éd. Verdier.

Ginzburg C (2010), *Mythes, emblèmes, traces, Morphologie et histoire*, éd. Verdier.

Grossmann F. et Rinck F. (2004). La surénonciation comme norme du genre : l'exemple de l'article de recherche et du dictionnaire en linguistique. *Langages* 156, p. 34-50.

Hebrard J. (1983), « L'évolution de l'espace graphique d'un manuel scolaire : le 'Despautère' de 1512 à 1759 », *Langue française*, 59, pp. 68-87.

Langages 147 (2002). *Processus d'écriture et traces linguistiques*. Paris, éd. Larousse.

Langage et Société 103 (2003), Écritures en acte et genèse du texte.

Langue française 155 (2007), *Avant le texte : les traces de l'élaboration textuelle*. Paris, éd. Larousse.

Langage et Société 127 (2009) *Écritures scientifiques. Carnets, notes, ébauches.*

Lazard G. (1999). Pour une terminologie rigoureuse : quelques principes et propositions, In Siouffi G. et Steuckardt A. *Les linguistes et la norme. Aspects normatifs du discours linguistique*, Peter Lang, p. 111-132.

Lidil 41 (2010) *Enonciation et rhétorique dans l'écrit scientifique*, Grenoble, éd. Ellug.

Modèles linguistiques (2009). Tome XXX-1, vol. 59 *Génétiqe de la production écrite et linguistique*, La Garde.

Neveu F. (2007a). Singularités langagières du discours scientifique : l'exemple du discours linguistique. *Pratiques* 135-136, *Questions de style*, p. 101-118.

Neveu F. (2007b). Les fondements normatifs de la terminologie linguistique et l'observatoire discursif de la science du langage. In Siouffi G. et Steuckardt A. *Les linguistes et la norme. Aspects normatifs du discours linguistique*, Peter Lang, p. 123-148.

Ono A. (2007). *La notion d'énonciation chez Emile Benveniste*, Limoges, éd. Lambert-Lucas.

Pratiques 135-136 (2007). *Questions de style*, Metz, éd. Du CRESEF.

Pratiques 143-144 (2009). *Ecrits de savoir*, Metz, éd. Du CRESEF.

Rey-Debove J.(1978). *Le métalangage*, ed. Le Robert.

Rinck F. (2005). Images of scientific activity through the research article : a comparison between linguistics and literary studies in Flottum K. and Korsnes O., *Academic Prosa* 3,

University of Bergen, p. 76-86.

Rinck F. (2006). Ecrire au nom de la science et de sa discipline. Les figures de l'auteur dans l'article en sciences humaines. *Sciences de la société* 67, p. 94-111.

Sofia E. (2011) « quest-ce qu'un brouillon en sciences du langage ? Notes préalables à une édition numérique des manuscrits de Ferdinand de Saussure. », *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 63, à paraître.

Swiggers P. (1983). Qu'est qu'une théorie (en) linguistique ? Modèles linguistiques, T 1, vol. 5, p. 3-15.

Swiggers P. (1999). Pour une systématique de la terminologie linguistique : considérations historiographiques, méthodologiques et épistémologiques, *Mémoires de la société de Linguistique de Paris*, Nouvelle série, Tome VI : *La terminologie linguistique*, ed. Peeters, p. 11-49.

Valette M. (2006). La genèse textuelle des concepts scientifiques. Etude sémantique sur l'œuvre du linguiste Gustave Guillaume. *Cahiers de lexicologie* 89, p. 125-142.

POLÍTICA EDITORIAL

A Série Cogitare foi criada com o objetivo de divulgar a contribuição de pesquisadores que tenham participado de atividades junto aos cursos de Mestrado e Doutorado em Letras da UFSM, na forma de palestras, conferências e outros trabalhos de pequena extensão. Também visam à produção de textos teóricos ou críticos produzidos por professores vinculados às linhas de pesquisa do PPGL - UFSM.

Esses trabalhos devem ser resultado de projetos vinculados às linhas de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras, permitindo, assim, a divulgação de alguns resultados produzidos pela investigação nas áreas de Estudos Lingüísticos e Literários da UFSM.

A publicação de traduções deverá complementar os textos já pertencentes ao domínio público, relacionados à pesquisa desenvolvida pelo Programa, e que contribuam para fomentar novas perspectivas. Devem apresentar prefácio que justifique a importância do texto e sua vinculação com o trabalho de pesquisa desenvolvido pelo tradutor.

VOLUMES PUBLICADOS

Volume 1

A Dama, a Dona e uma outra Sóror

Maria Lúcia Dal Farra

Volume 2

Sartoris:

A História na Voz de quem Conta a História

Vera Lucia Lenz Vianna

Volume 3

A Fronteira e a Nação no Séc. XVIII: Os Sentidos e os Domínios

Eliana Rosa Sturza

Volume 4

O Outro no (In)traduzível / L'Autre dans l'Intraduisible

(Edição Bilingüe)

Mirian Rose Brum-de-Paula

Volume 5

Pero Sigo Siendo el Rey:

Referente e Forma de Representação

Fernando Villarraga Eslava

Volume 6

Aquisição, Representação e Atividade

Marcos Gustavo Richter

Volume 7

Da Corpografia: Ensaio Sobre a Língua/Escrita na Materia-
lidade Digital
Cristiane Dias

Volume 8

Perspectivas da Análise de Discurso Fundada por Michel
Pêcheux na França: Uma Retomada de Percurso
Ana Zandwais

Volume 9

Mitos, Héroes y Ciudades: ecorridos Míticos por Algunas Ur-
bes Literarias
Pablo Molina

Volume 10

Mário Peixoto: O Escritor de Permeio com a Crítica
André Soares Vieira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
Prédio 16, Sala 3222 – Bloco A2
Campus Universitário – Camobi
97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil
Fone: 55 3220 8359
E-mail: ppgletras@gmail.com
<http://www.ufsm.br/ppgletras>

Impresso na
Imprensa Universitária
UFSM - 2013